



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10020 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

FALAS DE JOVENS ALUNAS SOBRE SER MULHER: NAS PISTAS DE UM  
DISPOSITIVO DE FEMINILIDADE

Paula Regina Costa Ribeiro - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO  
GRANDE

Juliana Ribeiro de Vargas - ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

**FALAS DE JOVENS ALUNAS SOBRE SER MULHER:**

**NAS PISTAS DE UM DISPOSITIVO DE FEMINILIDADE**

**Resumo:** O presente trabalho, decorrente de uma investigação maior, tem como objetivo problematizar falas de jovens alunas, estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre (RS), acerca das estratégias – impostas pela escola e também suas famílias – para controle de seus corpos e, por conseguinte, de suas sexualidades. Como aportes teóricos-metodológicos valemo-nos dos campos dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero em vertente pós-estruturalista, das teorizações de Michel Foucault e da organização de grupos de discussão. A partir das respostas das estudantes, foi possível perceber que tais jovens se sentem reprimidas, uma vez que, ao andarem na rua, sofrem assédio e se vêem submetidas aos discursos historicamente construídos acerca do controle sobre as mulheres. De modo semelhante, vê-se que a escola, ainda é perpetuadora desses discursos, modulando o exercício das feminilidades a partir de, por exemplo, diferenças nos modos de vestir considerados como (in)adequados aos alunos e às alunas. Frente aos dados produzidos, abre-se a possibilidade de pensar a articulação de um dispositivo da feminilidade, o qual opera, através de instituições e de discursos históricos, na condução das condutas dessas estudantes, regulando seus modos de ser e de viver.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; Estudos de Gênero; Sexualidade; Dispositivo, Feminilidades.

Neste trabalho procuramos problematizar falas de jovens alunas, estudantes de duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola a região metropolitana de Porto Alegre (RS), acerca das estratégias produzidas pela escola e também suas famílias, para o controle de seus corpos e, por conseguinte, de suas sexualidades. Os campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, em vertente pós-estruturalista, e as teorizações de

Michel Foucault, permitem o aprofundamento da temática em questão. Em consonância com a perspectiva dos Estudos Culturais, compreendemos a juventude como uma categoria plural, na qual distintos modos de ser jovem constituem-se em relação a categorias outras, tais como idade, classe social, gênero (MARGULIS e URRESTI, 1996). Também valemo-nos de estudos como os de Carles Feixa (2019) Juarez Dayrell (2012), entre outros(as), que distanciam-se das classificações etárias e descrições biológicas na contextualização da categoria juventude.

De acordo com Michel Foucault (2012), os discursos organizam, constituem os sujeitos e os objetos aos quais se referem. Os discursos, para o referido autor, são históricos, são “[...] fragmentos de história, unidade e descontinuidade da própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não do seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo” (FOUCAULT, 2012, p. 143). Ainda, segundo o autor (2009, p. 10), o termo sexualidade surge como discurso no início do século XIX, relacionado, entre outros fenômenos, ao desenvolvimento de áreas de conhecimentos diversas que “[...] cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como variantes individuais ou sociais do comportamento [...]”. É possível perceber que a difusão, principalmente nas sociedades ocidentais, de determinadas regras e normas sobre as quais instituições como igrejas, hospitais e escolas passam a apoiar suas ações, parece estar ligada às mudanças nas significações que os indivíduos relacionam aos seus deveres e prazeres, também como fenômenos relacionados ao discurso da sexualidade.

Também para Foucault, a sexualidade pode ser compreendida como um dispositivo histórico articulado por estratégias de saber-poder, essas regulam corpos, prazeres, discurso, controles e resistências (FOUCAULT, 2007). A própria conceituação do sexo constitui um elemento do dispositivo da sexualidade, o qual está intimamente relacionado às relações de poder estabelecidas em uma sociedade, como esclarece Judith Butler (2008). Assim, as tecnologias do sexo podem ser entendidas, a partir dessa premissa, como estratégias de funcionamento do dispositivo da sexualidade, materializadas em operações políticas, intervenções econômicas, em processo de moralização e responsabilização da conduta dos indivíduos nas sociedades, tal como afirma Foucault (2007, p. 159): “De um polo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e da regulação das populações”.

### **Passos metodológicos**

Tal como afirmam Dagmar Meyer e Marlucy Paraíso (2012), compreendemos a organização das metodologias de pesquisa delineiam os caminhos pelos quais o/a investigador/a conduz o seu estudo, demarcando, assim, determinados modos de produção relacionados às perspectivas teóricas que o/a autor/a se filia. A partir dessa premissa, foram organizados grupos de discussão com as alunas pesquisadas, uma vez que compreendemos, como Carla Beatriz Meinerz (2011, p. 486) que tal metodologia abre a possibilidade de escuta sensível, dependente da postura “política, afetiva e ética do pesquisador”.

A partir de tais grupos nos foi possível verificar que *todas as jovens* pesquisadas (25 alunas) relataram que já foram alvo de importunação/assédio em espaços de grande circulação ou nas redes sociais. Em suas falas, as jovens relataram situações de medo e constrangimento, porém não se sentem encorajadas a denunciar, uma vez que escutam, muitas vezes de suas próprias famílias, que “a culpa é delas”. Frequentemente, também no ambiente escolar, essa discursividade repete-se...

Também nos grupos de discussão tais jovens relataram que sua escola perpetua discursos machistas de (des)controle da sexualidade masculina ao proibir que as jovens usem determinadas roupas, como shorts, blusas mostrando a barriga e calças muito rasgadas. Já, os jovens com calças baixas, não são repreendidos com a mesma ênfase. Sobre isso, Jeffrey Weeks (2010, p. 41) nos auxilia a compreender que: “Os homens são os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, [...] eram vistas como meramente reativas”. Enquanto homens/os jovens são descritos – de modo direto – como agentes ativos, para elas depreende-se a ideia de hipersexualidade, que advém de seus corpos “naturalmente” mais sedutores que os masculinos.

É importante ressaltar que a sexualidade acaba por ser descrita como uma dimensão incontrolável, difícil de ser dominada e, portanto, pode ser entendida como algo que *não tem vergonha*, tampouco *juízo*. E exatamente pela “insanidade” que a circunda, a qual também é produzida discursivamente, que a sexualidade dos indivíduos precisa ser regulada pelos discursos religiosos, médicos, jurídicos, no intuito de organizar “uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora” (FOUCAULT, 2007, p. 44). É importante referir que Foucault (2007, p. 116) elabora, sobre a construção discursiva da sexualidade, o conceito de dispositivo, que “funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder”. Como dispositivo da sexualidade, o autor compreende uma “grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 2007, p. 117).

A produção discursiva sobre o sexo e a produção acerca da sexualidade é múltipla e visível em distintas materialidades, como apresenta Foucault (2007) ao destacar a “explosão discursiva” ocorrida nos últimos três séculos sobre o tema. A própria emergência da “sexualidade” como termo ocorre, de acordo com o autor, em relação ao desenvolvimento de diversificadas áreas de conhecimento, no início do século XIX, que produziram “mudanças também na maneira como os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, aos seus deveres, aos seus prazeres, aos seus sentimentos e sensações” (FOUCAULT, 2010, p. 193). Conforme Foucault, as instituições religiosas, judiciárias, médicas e pedagógicas fomentaram tais mudanças, produzindo saberes em diversas instâncias e acerca da sexualidade dos indivíduos.

Obviamente que a violência assusta a todos, no entanto (infelizmente) as mulheres (de todas as idades) parecem saber que, além dos bens materiais, seu corpo pode ser o alvo. Essas estudantes citam algumas de suas estratégias e conselhos que recebem ao sair na rua: evitar sair sozinha; trocar o caminho quando avistar um grupo de homens na rua que iria passar; atravessar a rua ao ver um homem com o carro estacionado.

Como um dos achados dessa pesquisa pode-se depreender a existência de uma atualização do dispositivo da sexualidade, o qual denominamos “dispositivo da feminilidade” constituído por discursos e regramentos visíveis em nossa sociedade. Possivelmente, em razão deste dispositivo, as reiterações de discursos mais conservadores, preconceituosos e limitantes à figura feminina, acabe por ocorrer. O conceito de dispositivo abarca para Foucault (2007, p.244) “um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas [...]”. É interessante destacar que para Agamben (2009, p. 40) os dispositivos podem ser caracterizados como “[...] qualquer coisa que consegue, de algum modo, “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.”. Vale referir ainda que para Agamben (2009, p.41) o crescente aumento dos dispositivos em nossa

sociedade corresponde a “uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação.”

É possível pensar que um possível dispositivo da feminilidade atue, em certa medida, em conexão com outros dispositivos, como o dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2002) e o dispositivo de gênero (AMIGOT LEACHE; PUJAL I LLOMBART, 2009)

Pode-se inferir, frente as leituras de Foucault que, através do dispositivo da sexualidade, os comportamentos dos indivíduos acabam narrados como normais ou patológicos, como adequados ou inadequados para a vida em sociedade. Importante destacar que pesquisas mais atuais, como a de Suzana Barros (2014, p.13), reitera o “quanto o *sexting* produz uma atualização no dispositivo da sexualidade, tornando a sexualidade, que antes era entendida como do domínio privado, em algo a ser exibida no âmbito público”, através da exposição/compartilhamento de imagens íntimas.

Já o dispositivo pedagógico da mídia atua na constituição de sujeitos e na produção de subjetividades contemporâneas, ensinado aos sujeitos modos de ser e estar na cultura em que vivem. Para Fischer (2002) o dispositivo pedagógico da mídia pode ser compreendido como um aparato discursivo, uma vez que no mesmo são produzidos saberes e discursos, que (também) subjetivam, educam, fomentam, entre distintas dimensões, modos específicos de ser e de viver – o quais na atualidade, “tensionam”, por exemplo, o próprio exercício da sexualidade pelos sujeitos. Sem esgotarmos a discussão, destacamos também a pesquisa de Luciana Kornatzki (2019, p. 10), a qual analisa a operacionalidade do dispositivo da família na “produção de subjetividades de sujeitos de famílias homoparentais como parte desse dispositivo”.

A partir de tais estudos, consideramos possível pensar na existência e funcionamento de um dispositivo da feminilidade a partir do qual os discursos mais conservadores e limitantes acerca das possibilidades de vida das mulheres acabem por constituir-se como normativas sobre as posturas femininas. O presumido dispositivo, apoiado em discursos diversos, a exemplo do discurso religioso e do discurso biológico e das relações de poder diferenciadas entre homens e mulheres, fomenta possivelmente, a produção de modos de existência entendidos como adequados para comportamento feminino, modos esses que são reiterados em diferentes discursividades – como aquelas empreendidas pela escola e pela família.

## REFERÊNCIAS

AMIGOT LEACHE, Patricia; PUJAL I LLOMBART, Margot. Una lectura del género como dispositivo de poder. **Sociológica**, México, v. 24, n. 70, mayo/ago. 2009, p. 115-152.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Sexting na adolescência**: análise da rede de enunciações produzida pela mídia. Rio Grande, 2014. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAPRICHIO. Polêmica fashion: blusa cropped. Você usaria? **Capricho**, São Paulo, 18 dez. 2015. Moda. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/moda/polemica-fashion-blusa-cropped-voce-usaria/> . Acesso em: 18 set. 2020.

- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.
- FEIXA, Carles. **De jóvenes, banda y tribos**: antropologia de la juventude. Barcelona: Ariel, 1999.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Volume 1. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Volume 2. 13. ed. São Paulo: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Ética, Sexualidade e Política. Volume 5. Tradução de E. Monteiro e I. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- KORNATKI, Luciana. **O dispositivo da família e a constituição de subjetividades em membros de famílias homoparentais**. Rio Grande, 2019. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2019.
- MARGULIS, Mario.; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. *In*: MARGULIS, Mario. (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.
- MEINERZ, Carla. Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, 2011.
- MEYER, Dagmar. E. E.; PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisa pós-críticas ou *Sobre como fazemos* nossas investigações. *In*: MEYER, Dagmar. E. E.; PARAÍSO, Marlucy. (Org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.
- WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de T. T. da Silva. 3. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2010. p. 35-82.